



*Nietzsche contra os eruditos:
a defesa da educação do gênio*

HENNING, V.
BENITES, M.

**NIETZSCHE CONTRA OS ERUDITOS:
a defesa da educação do gênio**

Vanessa Henning¹

Matheus Benites²

Resumo: Este trabalho mostra como Nietzsche pensa a educação moderna e como essa formação propicia o surgimento do tipo de homem decadente, o erudito. Além disto, o intuito aqui é também explicar o porquê de Nietzsche encontrar em Schopenhauer um exemplo de formação superior, isto é, uma educação libertadora em que o homem possa assumir todos os seus impulsos e suas forças. O filósofo propõe a partir disto, um tipo de cultura cujo pensamento esteja em afinidade com uma vida afirmadora de si mesma e não uma cultura que privilegie uma vida submersa em ideais que provocam a evasão do homem de si.

Palavras-chave: Educação erudita; Schopenhauer; Gênio.

**NIETZSCHE AGAINST THE SCHOLARS:
The Defense of the Genius's Education.**

Abstract: This paper shows how Nietzsche views modern education and how this formation contributes to the emergence of the decadent type of man, the scholar. Furthermore, the aim here is also to explain why Nietzsche sees Schopenhauer as an example of higher education, that is, a liberating education in which man can embrace all his impulses and forces. The philosopher, from this perspective, proposes a type of culture whose thinking is in harmony with a life that affirms itself, rather than a culture that favors a life submerged in ideals that lead man to escape from himself.

keywords: Scholar's education; Schopenhauer; Genius.

INTRODUÇÃO

Em Nietzsche, as conferências apresentadas na obra *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de Ensino* (1872) e *Schopenhauer como educador* (1874), formam os escritos que tratam acerca do problema da educação na Alemanha do século XIX. O filósofo também retoma essas teses em *Crepúsculo dos ídolos* (nos capítulos VIII e IX, "O que falta

¹ UNIOESTE

² PUC-RIO



aos alemães” e “Incursões de um extemporâneo”), texto oriundo de sua fase mais madura, revelando o quanto o problema da educação perfaz a sua obra como um todo. Essa reflexão tem como alvo a formação (Bildung) nos estabelecimentos de ensino de seu tempo. Nietzsche apresenta algumas críticas à situação de decadência das instituições, bem como levanta as discussões acerca do renascimento do espírito alemão na sua relação com a Grécia Antiga. Essas reflexões presentes nas obras apontam principalmente à importância de um exame crítico da decadência da cultura alemã e de toda a cultura moderna.

As críticas que Nietzsche faz à cultura e à educação têm como pano de fundo o contexto histórico da época. Com a finalização do processo de unificação da Alemanha, em 1871, a Prússia se vê na necessidade de criar novos laços para manter, em seu entorno, todos os Estados alemães. Com isto, a uniformização da cultura e do ensino extingue as diferenças e as particularidades de cada região. Além disto, o crescente processo de industrialização na Alemanha provocou a ampliação das atividades mercantis e, conseqüentemente, a necessidade de se formar indivíduos para a mão de obra especializada. A necessidade de uma unidade nacional fomentou uma educação voltada para o mercado de trabalho. A burguesia emergente esperava que os funcionários de suas empresas recebessem uma educação apropriada para que desempenhassem determinadas funções. Esse tipo de formação estava atrelado a uma perspectiva economicista, utilitária e instrumentalizada.

O que Nietzsche critica é o fato de as instituições de sua época terem adotado um ensino profissionalizante, visando à especialização e não uma formação que tende à busca humana pelo autoconhecimento. As instituições não estão preocupadas em proporcionar um tipo de educação que busque a verdadeira cultura, ou seja, uma cultura que promova a elevação do espírito e o desenvolvimento de todas as potencialidades do homem enquanto indivíduo. Isto é, uma cultura que faça surgir o homem superior, o gênio. Ao contrário desta última, ela forma eruditos, o tipo “[...] intelectual impulsionado por banalidades, quer dizer, pelos instintos vulgares da massa, razão por que não pode compreender o que é superior extraordinário, raro, distinto” (Sobrinho (2003, p. 23).



Tendo isto em vista, buscar-se-á apontar, neste trabalho, as características da educação moderna, segundo Nietzsche, e quais os fatores que contribuem para a formação erudita, a qual o filósofo considera o tipo mais decadente. Além disto, como contraponto a esta formação, pretende-se mostrar as razões que fazem Nietzsche ver em Schopenhauer um modelo de filósofo-educador contrário a toda essa concepção imposta pela cultura moderna; e como, a partir do exemplo do homem de Schopenhauer, Nietzsche acredita ser condição para fazer surgir a forma mais elevada de homem: o gênio.

CULTURA E EDUCAÇÃO MODERNAS E A FORMAÇÃO ERUDITA

Nietzsche discute sobre a cultura, educação e ensino em suas Conferências ministradas quando ele ainda era professor da Basileia, em 1872. Tais conferências, reunidas posteriormente, na obra *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de Ensino* pretendem apontar as falhas ao tipo formação (*Bildung*) aplicado nas instituições de sua época. O filósofo inicia sua crítica com o relato de duas tendências presentes nesses lugares que, apesar de aparentemente contrárias, apresentam-se unidas em seus resultados: “a tendência à *extensão*, à *ampliação* máxima da cultura, e a tendência à *redução*, ao *enfraquecimento* da própria cultura” (Nietzsche, 2003a, p. 61).

A primeira tendência promove uma cultura de rebanho e tem como direcionamento o dogma da economia política de sua época, o qual visa ao “máximo de conhecimento e cultura possível – portanto o máximo de produção e necessidade possível [...]” (Nietzsche, 2003a, p. 61). Para Nietzsche, essa fórmula tem como intento e fim uma cultura utilitária, pois se volta unicamente para a obtenção de lucro e ganhos financeiros. Neste tipo de cultura, a principal tarefa é a formação de homens ‘correntes’, tal como se entende quando se fala em ‘moeda corrente’, pois quanto maior número de homens correntes, mais feliz torna-se um povo. Conforme escreverá o filósofo, dois anos mais tarde, em *Schopenhauer como educador*.



*Nietzsche contra os eruditos:
a defesa da educação do gênio*

HENNING, V.
BENITES, M.

A cultura (*Bildung*) seria definida por seus adeptos como o discernimento, com o qual eles se tornam sempre mais contemporâneos, nas necessidades e na sua satisfação, com o qual imediatamente se oferecem os melhores meios e caminhos, para ganhar dinheiro de modo mais fácil possível. Esta seria, portanto, a meta: formar o máximo de homens “correntes”, do mesmo modo como se denomina uma moeda corrente. Segundo essa concepção, um povo será tanto mais feliz quanto mais homens correntes possuir. (Nietzsche, 2020, p. 67).

Deste modo, o principal objetivo dos estabelecimentos de ensino é o de tornar cada indivíduo uma engrenagem para a máquina do mercado. Extrair de cada um o seu maior potencial de especialização, visando a felicidade e ganho.

A segunda tendência, por sua vez, refere-se à cultura dos especialistas, cujo objetivo principal é a formação histórico-científica do homem culto da ciência, denominado de erudito (*Gelehrte*). Segundo Nietzsche, o erudito é aquele que se especializa em uma área do conhecimento e pode ser visto de modo semelhante a “[...] um operário de fábrica que, durante toda sua vida, não faz senão fabricar certo parafuso ou certo cabo para uma ferramenta ou uma máquina [...]” (Nietzsche, 2003a, p. 64). Ao lançar essa ironia, Nietzsche mostra que, tanto o operário da fábrica, quanto o erudito se especializam para alcançar certa destreza e virtuosidade em determinada função. Contudo, ainda que este último possua incrível destreza para a realização de uma área do saber, essa tarefa o faz ter dificuldade para perceber tudo o que foge da sua especialidade, problema este que é decorrente de toda a divisão de trabalho. Isso permite que o erudito seja visto como uma contradição cultural, porque, ao mesmo tempo em que ele rege sua vida para ser um dos mais altivos bem-sucedidos, sua existência apresenta-se ausente de significado e profundidade. De acordo com Nietzsche (2003a, p. 64-65),

Em todas as questões gerais de natureza seria e sobretudo nos problemas filosóficos mais elevados, o homem de ciência [o erudito] enquanto tal não tem absolutamente palavra; ao contrário, esta trama de cola viscosa que se infiltra agora nas ciências, o jornalismo, acredita aí cumprir sua tarefa, que ele a realiza de acordo com sua natureza própria [...].

O jornalismo aparece como uma nova concepção que tem em vista a substituição da cultura. Ele é a confluência das duas tendências, porque tanto visa à ampliação, quanto à diminuição da cultura. Para aqueles com certas pretensões à cultura, como o erudito, o



jornalismo torna-se como um ponto de apoio porque é capaz de reunir as diferentes formas de vida, seja nas artes, seja nas ciências e conformá-las, promovendo uma falsa cultura de orientação para a vida. Isto é, uma pseudocultura que está somente preocupada com os fatos do momento e a opinião da maioria. Para Nietzsche, o que essa cultura jornalística faz é promover uma redução e destruição de uma cultura superior, porque todas as características mais elevadas são abandonadas, para se colocar a serviço do Estado.

Nietzsche se refere ao Estado de seu tempo. A concepção de valor defendida pela cultura moderna tem como base o princípio de igualdade e dignificação do trabalho, o qual é obtido mediante um exercício de dissimulação. Isto porque a defesa dos valores de dignidade do homem pelo trabalho esconde um pensamento utilitarista, cujo objetivo é fazer dessas atividades um instrumento de domínio. O que importa ao Estado é somente o que lhe for útil. Por este motivo, o Estado moderno “não permite cultura a um homem senão na proporção com o que demanda seu interesse de ganho, mas é também na mesma proporção que se exige algo dele” (Nietzsche, 2003a, p. 62). Essa exigência faz do Estado o “mistagogo da cultura”, porque, ao mesmo tempo em que visa à obtenção de seus fins, ele determina que seus servidores promovam os valores da modernidade. Segundo Nietzsche, tais valores nada mais fazem que transformar a cultura em um meio rápido para se adquirir dinheiro, lucro e fama. Já na nossa época, com a revolução digital, não é nem preciso dizer o quanto as instituições de ensino, com seus cursos técnicos profissionalizantes de caráter acelerado, e as grandes mídias e plataformas digitais, amplificam os problemas culturais diagnosticados pelo filósofo alemão há mais de cem anos. Como modo de propagar os valores da modernidade, o Estado intervém na educação visando a formar inteligências a serviço da propriedade e do lucro. Esse tipo de educação tem em vista formar indivíduos para que eles possam executar determinada função no mercado de trabalho. Para isto, o Estado direciona-se ao Ginásio³, uma vez que este se apresenta como o centro motor para as outras instituições, como a Universidade, por

³ Na Alemanha da época de Nietzsche, os estabelecimentos de ensino eram compostos pela escola técnica, pelo ginásio e pela universidade. O *Gymnasium* alemão assemelha-se com o ensino curricular do 1º e 2º graus do Brasil.



exemplo. A educação, nesta etapa do ensino, é movida por um “espírito utilitário”, impossibilitando, deste modo, uma formação voltada para uma cultura superior.

Nietzsche também repreende o fato desta educação ginásial incentivar a autonomia e o sentimento de individualidade nos jovens, numa idade em que eles ainda não estão tão preparados. O apelo à individualidade faz com que o estudante procure qualidades que o distingua, buscando destacar um tom pessoal nos trabalhos acadêmicos. Assim, exigir do jovem uma exposição de forma sobre problemas éticos ou a respeito do seu próprio desenvolvimento, deixa-o desamparado à suas decisões para resolvê-las. Segundo Nietzsche, o problema é que nessa idade “as forças que ainda não se desenvolveram tendem pela primeira vez a uma cristalização” (2003a, p. 72). Deste modo, a cristalização ocorre quando se impõe ao indivíduo uma exposição original. Ele o fará de maneira inacabada e até mesmo grosseira, sendo esta repreendida pelo mestre, justamente pelo fato de ser uma originalidade.

Essa tendência ensinada nos Ginásios, contudo, não vai se mostrar diferente na Universidade, razão pela qual Nietzsche considera o ensino universitário como uma continuidade do Ginásio. Do mesmo modo que ocorre neste último, a Universidade também estabelece as leis e julga como num tribunal. Em razão disto, Nietzsche ressalva não criar ilusões com o tipo estudante culto, que se apresenta nessa instituição de ensino. Pois,

Ele é apenas ainda, na medida em que acredita ter recebido a consagração da cultura, um aluno do ginásio formado pelas mãos dos seus mestres; e como tal, desde o seu isolamento acadêmico e mesmo depois de ter deixado o ginásio, ele fica privado de toda formação ou de toda direção ulterior que o levaria à cultura, para assim viver por si mesmo e ser livre (Nietzsche, 2003a, p. 127).

Para o filósofo alemão, a autonomia delegada pelo mestre ao estudante, no fundo, representa mais uma prisão que propriamente uma liberdade. Ainda que o processo pedagógico, nessas instituições de ensino, leve a pensar em uma “liberdade acadêmica”, na verdade, mostra como os estudantes se tornam dependentes das falas de seus preceptores em tudo o que fazem. Esta prisão, constituída pela fala e conteúdo dos docentes, é um modo de fazer com que o aluno se molde ao perfil dócil e domesticado que tanto interessa ao Estado. Diante disto, sob a proteção da “autoeducação acadêmica da cultura”, o estudante se mostra



pertencente à instituição cultural universitária posta em funcionamento. Esta instituição, com pretensões culturais a serviço do Estado, torna o estudante um arauto da cultura autônoma, cuja maior preocupação é com as necessidades cotidianas. Nas palavras de Nietzsche:

Vejam o estudante livre, o arauto da cultura autônoma, imaginem seus instintos, interpretem-no em função de suas necessidades! O que lhes pareceria a sua formação, se vocês soubessem medi-la com três instrumentos, em primeiro lugar, por sua necessidade de filosofia, em segundo lugar, por seu instinto artístico e, enfim, em relação à antiguidade grega e romana, que é o imperativo categorico concreto de qualquer cultura (Nietzsche, 2003a, p. 127).

Como mencionado de início, as teses de Nietzsche a respeito da educação permanecem ao longo de todos os períodos do pensamento do filósofo, até mesmo em sua fase derradeira, na qual escreveu, entre outras obras fundamentais, *Crepúsculo dos ídolos* (1888). Exemplo desta permanência de sua crítica à educação erudita é a seguinte passagem do oitavo capítulo da obra, intitulada “O que falta aos alemães” (2006, p. 48):

A ninguém mais é dado, na Alemanha de hoje, proporcionar aos filhos uma educação nobre: nossas escolas “superiores” são todas direcionadas para a mais ambígua mediocridade, com seus professores, planos de ensino, metas de ensino. E em toda parte vigora uma pressa indecente, como se algo fosse perdido se o jovem de 23 anos ainda não estivesse “pronto”, ainda não tivesse resposta para a “pergunta-mor”: qual profissão?

Pouco à frente, o filósofo do martelo escreve também o seguinte: “*Aprender a pensar*. não há mais noção disso em nossas escolas” (Nietzsche, 2006, p. 49). Anos antes, ainda no texto de juventude sobre os estabelecimentos de ensino e de acordo com o mesmo ponto de vista crítico, Nietzsche aponta três instrumentos que podem medir a perda de uma formação (*Bildung*) voltada para uma cultura superior, que ele denomina *Kultur*, a saber: a necessidade de filosofia, o instinto artístico e a relação com a antiguidade greco-romana. Para o filósofo, esses instrumentos são fundamentais para uma cultura autêntica, mas quando associados às necessidades da educação moderna, ensinada na Universidade, eles são valorados de acordo com as preocupações da cultura de massa promovida pelo Estado. Assim, com relação à necessidade de filosofia, o que era considerado um instinto filosófico natural dos indivíduos, é lapidado pela “cultura histórica” (*historische Bildung*). Esse modo de tratar o instinto filosófico a partir de uma visão histórica dos acontecimentos significa, para Nietzsche, a autodestruição



da filosofia: as coisas são sempre demarcadas por um fio condutor racional que transforma o que for mais irracional em razão. Segundo Nietzsche (2003a, p.128), essa é a filosofia de Hegel, que interpreta todas as coisas como racionais. Ao parodiar o princípio hegeliano com a questão: “Será que esta irracionalidade é real”, o filósofo de Sils-Maria declara que o que é justamente irracional, mas se apresenta como a única coisa real, é esse direcionamento simplificador e determinista que vê a realidade como uma coisa contínua e progressista para a explicação histórica⁴.

Segundo o autor de *Schopenhauer como educador*, por meio dessa formação histórica ocorre um processo de dissimulação do instinto filosófico da juventude nas universidades alemãs. No lugar da interpretação profunda acerca dos eternos problemas humanos, foram colocadas questões históricas e também filológicas, que se colocaram distantes de uma profunda investigação acerca das incógnitas ligados à existência. Todo esse distanciamento foi dado para que as questões se voltassem apenas a respeito do “[...] que pensou ou não pensou este ou aquele filósofo, se é possível com razão atribuir a ele este ou aquele escrito, ou se esta ou aquela lição merece ser retida” (Nietzsche, 2003a, p. 128-129). Isto mostra porque a formação filosófica oferecida nessas instituições de ensino dirige-se a um tratamento estéril da filosofia. O intuito é nada mais que transformá-la em um ramo da filologia e, assim, avaliar os estudantes pela habilidade filológica (em vez de filosófica). essa é a razão de a filosofia ter sido “banida” na Universidade.

Em *Sobre as vantagens e desvantagens da história para a vida*, a segunda consideração extemporânea, Nietzsche também discorre sobre o problema da história em seu tempo. Segundo ele, o tempo moderno impulsiona a História e degrada a vida. Padecemos todos de uma ardente febre histórica. Como consequência do historicismo filosófico, que é visto pelo filósofo alemão como inútil à vida, percebe-se que as Universidades não buscam manter qualquer relação com as artes. Na verdade, esses estabelecimentos de ensino se propõem

⁴ Segundo Prado (2010, p. 102), Hegel entende que “os acontecimentos históricos não estão desconexos, isolados e individuais, mas, estreitamente ligados e racionalmente ordenados. A filosofia hegeliana deixa claro que “a razão governa mundo, e que, portanto, a história universal é também um processo racional” (1995, p. 17)”. Ver HEGEL, G. W. F. *Filosofia da história*. UNB: Brasília, 1995.



apenas um projeto artístico para oferecer ao jovem uma disciplina voltada nesta área. Por esta razão, não se vê, nas instituições, o pensamento, o ensinamento e o esforço em matéria de arte, pois pouco interessa à Universidade se um professor tem certa inclinação pessoal pelas artes. Segundo Rodrigues (cf. 2015, p. 129), nessas instituições, o que prevalece é a postura histórico-crítica assumida pelo mestre, a qual deve-se mostrar mais elevada à própria arte. No entanto, esse tipo de postura faz com que o indivíduo se torne incapaz de perceber como uma manifestação artística pode captar o que é mais íntimo no espírito de um povo.

No que se refere à relação com a antiguidade grega e romana, Nietzsche (2003a, p. 127) a considera como o “imperativo categórico concreto de qualquer cultura”. Porém, com essa formação histórico-crítica, tal relação torna-se irrelevante para os jovens que possuem uma formação desprovida de filosofia e arte. Neste sentido, os estudantes não veem a necessidade de se estabelecer uma relação com a antiguidade, porque eles não possuem, na Universidade, o estímulo a essas culturas (assim como em nosso tempo).

Nietzsche explica que todo esse estímulo, por parte das instituições de ensino, foi extinto pelo enfoque moderno da formação histórica e científica. Esse é o motivo de o filósofo declarar que as Universidades alemãs de seu tempo não são instituições culturais, “pois se eliminamos os Gregos e, ao mesmo tempo, sua filosofia e sua arte: com que escala pretendem vocês ainda elevar-se à cultura?” (Nietzsche, 2003a, p. 129-130).

Em *O nascimento da tragédia*, o filósofo apresenta as características entre a cultura Grega e a Moderna, evidenciando os contrapontos daquilo que considera como vida afirmativa dos gregos trágicos com o estilo decadente dos modernos. Sob a ótica nietzscheana, a época trágica dos gregos, simbolizada pelas figuras de Apolo e Dioniso — potências estéticas que o autor identifica na natureza —, representa uma afirmação da vida. Esses impulsos naturais, integrados à cultura e à arte, expressam a capacidade de regeneração do povo grego. Em contrapartida, Nietzsche associa a negação da vida à morte da tragédia, a partir da instituição da racionalidade socrático-platônica, quando o homem passa a avaliar a vida por critérios racionais. Neste sentido, o homem moderno é comparado com os gregos no momento em que nega os seus impulsos naturais em virtude da nova racionalidade, que tem



em vista uma incessante busca pela verdade, o progresso da ciência e a elucidação dos problemas cosmológicos. De acordo com o autor de *O nascimento da tragédia*,

todo o nosso mundo moderno está preso na rede da cultura alexandrina e reconhece como ideal o homem teórico, equipado com as mais altas forças cognitivas, que trabalha a serviço da ciência, cujo protótipo e tronco ancestral é Sócrates. Todos os nossos meios educativos têm originariamente esse ideal em vista [...] (1992, § 18, p. 108-109).

É esse estilo decadente da modernidade que faz da educação um sinal da barbárie, em que os estudantes são vistos como “animais de rebanho”, ou seja, os tipos de homens produzidos segundo os interesses do Estado. Em *Schopenhauer como educador*, sua terceira consideração extemporânea, Nietzsche explica que esse tipo decadente de homem tem uma propensão à preguiça, por certo medo em relação ao próximo, que o faz preferir pautar todas as suas ações nos costumes e nas opiniões. Na verdade, o homem não reconhece o seu próprio ser e não busca tornar-se aquilo que ele é. Esse é o motivo de os homens modernos preferirem agir como animais gregários, a ter que explicitar o sentimento de vergonha de revelar-se tal como são. Por isso, em uma célebre passagem desta obra, Nietzsche alerta que

Ninguém pode construir para ti a ponte, sobre a qual precisamente tu deves caminhar acima do rio da vida, ninguém mais além de ti. De fato, há incontáveis sendas e pontes e semideuses, que querem te levar pelo rio; mas somente ao preço de ti mesmo. Tu serias penhorado e te perderias. Há no mundo um único caminho, pelo qual ninguém além de ti pode seguir. Para onde ele conduz? Não pergunte, trilhe-o. (Nietzsche, 2020, p. 6).

Em sua visão, a cultura seria enriquecida por indivíduos mais autênticos que trilham o seu próprio caminho, seguindo seus próprios objetos de interesse, tendo educadores como modelos. Goethe, Hölderlin, Wagner e Schopenhauer são alguns modelos do próprio filósofo, conforme deixam claro *Crepúsculo dos ídolos* e *Ecce Homo*. Foi justamente quando começou seus estudos de filologia em Leipzig, para se tornar mais um entre os “eruditos” de seu tempo, que Nietzsche teve contato com a obra de Schopenhauer, escada que o permitiu subir alguns degraus em direção a si próprio. Mais tarde, como se sabe, Nietzsche se libertou também das amarras que o prendiam a Schopenhauer e Wagner. O “torna-te quem tu és” também aparece em *A Gaia Ciência*, que pode ser considerado o último livro da fase intermediária do autor, marcada pelo ceticismo racional, e que já anuncia a vinda de sua derradeira fase: a trágica. O



termo aparece no aforismo de número 270: “Que diz tua consciência? Torna-te o que és” (Nietzsche, 2008, p. 188), sendo retomado e explicitado no 335: “Queremos tornar-nos aqueles que somos — os novos, os únicos, os incomparáveis, aqueles que são seus próprios legisladores, aqueles que são seus próprios criadores” (Nietzsche, 2008, p. 233). O pesquisador brasileiro Roberto Machado comenta a passagem em seu livro *Zaratustra, tragédia nietzschiana* (1997, p. 140):

Vemos, por esse texto, que tornar-se significa criar-se, produzir-se, construir-se e não propriamente descobrir-se, conhecer-se a si mesmo, princípio apolíneo apropriado pelo racionalismo socrático-platônico. O que faz do homem mais um processo de autossuperação do que uma natureza, uma realidade permanente.

Tanto o “conheça-te a ti mesmo” do racionalismo socrático-platônico, quanto o “torna-te quem tu és” de Píndaro e Nietzsche buscam lançar luz sobre o mesmo enigma que é a relação do humano com sua própria natureza, com seu próprio eu. Na tradição metafísica, concebido como uma ideia fixa, eterna, que serve de modelo e que deve ser descoberta. Em Nietzsche, vista como um processo deveniente, uma expressão do mundo, uma unidade que deve instaurar e ordenar o caos, a multiplicidade que se é enquanto vontade de potência no tempo.

Em seus meses finais de lucidez, nos quais escreveu, entre outras obras, *Ecce homo*, Nietzsche propôs sua própria filosofia trágica, tendo como fundamento uma transvaloração de todos os valores até então cultuados. Em *Ecce Homo*, o “torna-te aquilo que és” ganha a dimensão de um imperativo formado pelo projeto de transvaloração. Não bastam apenas os educadores como modelos e a atenção especial aos próprios objetos de interesse para subir em direção a um “si-mesmo” essencial, a tarefa de tornar a si mesmo é atravessada pelo imoralismo e pelas noções de *amor fati*, vontade de potência e autossuperação. É compreendida, na filosofia do Nietzsche maduro, como um trilhar diferentes caminhos e um tornar-se senhor do caos que se é, unidade na multiplicidade mutante. Cabe observar um trecho em que o “torna-te quem tu és” aparece em *Ecce Homo*: “É minha sagacidade, ter sido muitas coisas em muitos lugares a fim de poder me tornar uno — a fim de poder chegar a ser um... Eu também tinha de ser, por algum tempo, um erudito...” (Nietzsche, 2016, p. 140).



Na filosofia do Nietzsche maduro, o “torna-te aquilo que és” une suas grandes noções complementares, descritas aqui de maneira muito geral apenas a título de uma breve explicitação desta hipótese: o “torna-te quem tu és” abarca o *amor fati* (a tarefa de amar o destino), o super-homem (a tarefa da autossuperação), o eterno retorno (a tarefa de instaurar e fruir o instante presente da maneira mais autêntica possível) e a vontade de potência (a tarefa de conferir unidade a uma multiplicidade de forças que constituem o si mesmo).

Ao fazer esse processo de renunciar a si mesmo, o homem é submetido a certos “pensamentos dissimulados”, aos quais nada mais são que sintomas dessa cultura decadente. Sintomas esses que surgem dos egoísmos do Estado, do mercado, dos jornalistas, dos eruditos, e são responsáveis por afundar os indivíduos em uma barbárie cultural, isto é, em uma cultura que não possui um estilo⁵, em que não há uma organização do caos e, principalmente, não promove a criação e interpretação, mas somente a domesticação do homem, como o “animal de rebanho”⁶.

SCHOPENHAUER COMO EDUCADOR E A FORMAÇÃO DO GÊNIO

É a partir de Schopenhauer que Nietzsche vê a possibilidade de oferecer uma alternativa ao barbarismo cultural da modernidade, bem como ao colapso moral enfrentado nesta época. Seguindo o exemplo de Schopenhauer, Nietzsche busca os elementos para libertar os grandes espíritos por meio da educação.

O que chama a atenção de Nietzsche em relação a Schopenhauer, era o seu pessimismo e a intempestividade aos valores culturais de seu tempo. Numa época em que se

5 Cf. I Consideração Extemporânea: David Strauss, o sectário e o escritor, § 1.

6 Para Nietzsche (2008), esse tipo de homem se mostra representante de toda a cultura decadente, sendo denominado pelo filósofo de “filisteu da cultura”. Assim, o filisteu é o homem que não possui um conhecimento de si mesmo e que, por este motivo, abriga a firme sensação de estar convencido que a sua cultura é a expressão completa da verdadeira cultura alemã. Segundo Marton (cf. 1993, p. 18), Nietzsche vê o filisteu da cultura como a representação contrária dos homens realmente cultos, porque, ao ser incapaz de criar, ele limita a sua existência à imitação e ao consumismo. O problema é que o filisteu pensa ser um digno representante da cultura atual, arrastando esse seu pensamento às instituições públicas, culturais e artísticas, que passam a ser organizadas segundo as necessidades do homem filisteu. Diante disto, tem-se aí a ‘animalização’ do homem, disseminada e exaltada por uma pseudocultura, que vê no Estado o fim último da humanidade, e na propriedade, o reflexo de uma vida feliz.



promovia o pensamento corrente, bem como a prevalência do “animal de rebanho”, Schopenhauer levantava-se contrário à opinião da massa, mostrando-se um filósofo solitário, que sustentava sua autonomia em relação aos poderes e à mediocridade cultural vigente. Conforme aponta Sobrinho (2003), Nietzsche não estava preocupado em concordar seu pensamento com a visão teórica do autor de *O mundo como vontade e representação*, mas sim com relação à

[...] postura de Schopenhauer diante de sua época, o seu distanciamento consciente e precavido das instituições acadêmicas, a sua ausência de compromisso em relação ao Estado ou à Igreja, a sua crítica à filosofia universitária oficial, a sua retidão, a sua veracidade, o seu heroísmo (Sobrinho, 2003, p. 18).

Nietzsche busca, por meio do exemplo de Schopenhauer, é uma formação (*Bildung*) que priorize a investigação das questões morais, as quais possam refletir as relações entre homem e natureza. Isto é, uma formação que possa desvelar o “[...] conceito grego de cultura como uma nova e melhorada *physis*, sem interior nem exterior, sem fingimento, nem convencionalismo, a cultura como harmonia entre vida, pensamento, aparência e vontade” (Nietzsche, s/d, p. 139, tradução nossa). De acordo com Nietzsche, o objetivo da cultura é promover o engendramento do filósofo, do artista, do santo, e com isso trabalhar no acabamento da natureza. O indivíduo superior justifica todo o processo e esforço de homens menores. Assim como nos gregos, Schopenhauer tinha uma capacidade plástica em conceber para si apenas o que lhe é indispensável, bem como um modo surpreendente de refletir acerca de si mesmo, para não se deixar levar pela imitação de influências que atuam sobre ele, em um determinado momento. Tanto os gregos quanto Schopenhauer conformavam essas influências para seu próprio estímulo e superação.

A postura de Schopenhauer torna evidente a formação de um tipo de homem superior, o qual Nietzsche denominou de gênio. É possível perceber em Schopenhauer um processo de elevação do homem, quando este, no mais alto grau de sua nostalgia perante a existência, eleva o seu espírito, trazendo consigo, enquanto ser intelectual, um desejo profundo pela genialidade. Segundo o filósofo de Sils-Maria, esse tipo de formação é basilar na tarefa de estabelecer uma crítica à cultura decadente do momento, mas também em promover uma



ascensão para uma cultura superior. Neste sentido, Schopenhauer era visto como um modelo de educador, que é capaz de guiar os homens a um nível elevado da cultura. Esse filósofo ensina

[...] a distinguir entre os modos reais e aparentes de fomentar a felicidade humana, como nem a riqueza, nem as honras, nem o saber podem dispensar o indivíduo da lassidão profunda que ele experimenta diante da ausência de valor de sua existência, e como o esforço para adquirir estes bens só ganha sentido com um objetivo conjunto elevado e transfigurador: conquistar o poder para, graças a ele, vir em auxílio da *physis* e corrigir, graças a ela, ainda que minimamente, suas loucuras e suas inépcias. (Nietzsche, 2003b, p. 157-158).

Ao ver em Schopenhauer um modelo de filósofo-educador, Nietzsche entende que existe, por meio da educação, a possibilidade de elevação do homem e da cultura. Diante disto, todos os indivíduos que fazem parte da instituição devem-se mostrar entregues a uma constante purificação e cuidado de preparar em si e em sua volta, o surgimento do gênio e a maturidade de seu trabalho. A educação tem um importante papel, porque é pelo exemplo do educador filósofo que determina a forma do gênio. Essa maneira de conceber a educação faz dela uma formação libertadora, pois busca livrar o homem de toda cultura marcada por interesses do Estado, dos comerciantes e dos eruditos. Assim, o gênio, isto é, aquele que se vê liberto de toda a cultura servil, poderá formar-se por meio da formação regida pelo modelo de educador. Formação essa em que os

teus educadores e formadores autênticos adivinham em ti qual é o sentido originário autêntico e qual o estofo fundamental de tua essência, algo inteiramente não educável e não formável, mas em todo caso de difícil acesso, dificilmente comprometido e paralisado. Teus educadores nada mais podem ser que teus libertadores. E esse é o segredo de toda formação: ela não fornece membros artificiais, narizes de cera, olhos com lentes — ao contrário, somente a má educação é que pode conceder esses dons (Nietzsche, 2020, p. 8).

Como visto, em Nietzsche a educação é libertação, uma vez que, por meio dela, é possível extirpar todas as “ervas daninhas” que atacam a natureza em seu original. Mas, o filósofo ressalta que a educação não ocorre por um processo de transmissão de conhecimento. Ela acontece no exemplo de vida, ou seja, é a vida do filósofo que o torna hábil para ser um educador e não o seu grau de intelectualidade e o conhecimento que ele possui. Nietzsche explica que Schopenhauer é esse modelo, porque, em meio à atual humanidade de



artificialidades, sua natureza se mostrou inteira, unívoca e firme, mesmo diante de todos os perigos que o rodeava. Segundo Nietzsche (2003b, p. 151), “Schopenhauer não dava quase atenção às castas acadêmicas, estava distante disso, buscava independência com relação ao Estado e à sociedade – este é o seu exemplo, o seu modelo [...]”.

Nietzsche aponta para a importância de se prestar atenção ao indivíduo de exceção sobre o mundo, que busca uma honestidade com relação às influências, às normas bem como às instituições nas quais não reconhece sua finalidade. Para o filósofo, esta é postura que possibilita o engendramento do gênio. Como consequência disto, a sua formação precisa ser efetuada de maneira extemporânea, ou seja, em objeção à cultura de seu tempo e a todos os valores impostos proferidos pelo discurso da cultura moderna. O que Nietzsche busca é uma educação que contraponha ao ideal de homem teórico da concepção socrática, que é defendido por essa cultura decadente. Contra esse homem teórico, Nietzsche se volta para o homem de espírito livre, cuja sabedoria não o permite iludir pelos desvios da cultura moderna, mas o faz olhar para a vida e interpretá-la, trilhando a ponte que leva ao seu autêntico Si-mesmo (*Selbst*). É em razão desta significação do gênio que o filósofo alemão afirma a necessidade de haver certos tipos de homens para livrar os indivíduos e fazê-los observar em que “rio eles estão mergulhados”. Esses homens são os filósofos e artistas, os quais também eram concebidos como os tipos ideais na formação (*Paideia*) do homem grego, em sua forma mais elevada⁷. Partindo da consideração schopenhaueriana, Nietzsche afirma que é mediante o conhecimento do filósofo, da disciplina do santo e da contemplação estética do artista, que há a possibilidade de suspender toda a vulgaridade do mundo e das ocupações triviais. A partir desse movimento de suspensão, surge a possibilidade de extrair algo de ativo, que discorda de todo modismo cultural e educacional.

7 Segundo Barroso (2014, p. 211), “A Paideia significava a formação (educação) do homem em sua verdadeira forma humana, mediante a imagem ideal de homem, por meio da arte e filosofia: a singularidade integrada com a vida de um povo. Para conquistar a excelência, o atributo essencial era a força vital, plástica e criadora. O fundamental desta formação era a beleza em si (do grego *kalón*), na qual o homem buscava se modelar. Para isto, requeria qualidades morais e espirituais, uma capacidade corajosa e sábia engendrada em uma luta constante de aprimoração: a virtude, a honra e o heroísmo que dispunham somente os nobres pela *Areté*”.



Nietzsche (2003b, p. 180) considera ser este o “pensamento fundamental da cultura”, o de fazer surgir o espírito filosófico e artístico nos indivíduos, como também fora deles. O homem de espírito filosófico-artístico expressa as características da forma humana mais elevada, a qual somente o gênio possui. Segundo Barroso (cf. 2014, p. 208), o gênio, enquanto filósofo-artista, julga a vida e reconhece apenas o que lhe é fundamental, ao mesmo tempo em que é o criador de novos valores e de uma vida afirmativa. Esse movimento é fundamental, porque mostra a necessidade de negar uma vida que merece ser negada, para a criação de um sentido novo à existência. Para Nietzsche (2003b), essa negação, na verdade, nada mais é que uma afirmação, em que o homem passa a criar uma nova vida, na qual possa reconhecer os seus instintos e perceber o quão ela é digna de ser vivida e afirmada. O filósofo busca pensar uma cultura em que o homem não seja mais compreendido como separado da natureza, que também possa assumir todos os seus impulsos, suas forças e que todo o seu pensamento esteja em afinidade com uma vida que afirme a si mesma, tal como em seus instintos. Assim, a mediocridade da *Bildung* daria lugar ao esplendor de uma verdadeira *Kultur*, a cultura que engendra o gênio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As preocupações de Nietzsche com relação à cultura e educação vão além da fase de seu primeiro período de produção intelectual. Em todas as obras, ainda que com diferentes direcionamentos, o filósofo apresenta sua severa crítica ao erudito, bem como à cultura filisteia, na qual o homem é visto como um “animal de rebanho”. Contra esse tipo de cultura decadente, Nietzsche propõe, em seus primeiros escritos, uma educação que traga à tona o gênio. Em todos os textos que compõem as obras do “jovem Nietzsche”, a condição para o surgimento do gênio é a destruição dos ideais, dos valores da cultura de época, conhecida como cultura moderna.



É possível perceber, no pensamento nietzscheano, uma urgência em repensar a educação da Alemanha do século XIX. O filósofo propõe uma reflexão do conceito de formação (*Bildung*), embasado numa concepção de cultura contrária à erudição e especialização que é oferecida nos estabelecimentos de ensino. Em contrapartida, propõe uma educação em que o imperativo é fazer com que o homem chegue ao ser que se é: “O homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser indulgente para consigo mesmo; que ele siga a sua consciência que lhe grita: “Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas” (Nietzsche, 2003b, p. 139). Educação esta que visa à formação do indivíduo de espírito livre, ou seja, daquele capaz de romper com os valores decadentes da cultura moderna, para fazer surgir os valores do homem forte, independente, o qual se orgulha dos seus próprios instintos e natureza.

É em Schopenhauer que Nietzsche encontra talvez o principal exemplo de homem superior, devido à postura que aquele filósofo tinha em relação aos valores de seu tempo. Numa época em que imperavam os ideais da ciência, do mercado, do homem teórico, Schopenhauer irrompe contra essa cultura decadente, responsável por aniquilar todas as forças do homem em prol de ideais. Para Nietzsche (2003b, p. 146), a imagem do homem schopenhaueriano é a de “[...] um verdadeiro filósofo, capaz de elevar alguém acima da insuficiência da atualidade e de ensinar novamente a ser simples e honesto no pensamento da vida, e, portanto, intempestivo no sentido mais profundo da palavra”. O que Nietzsche admira em Schopenhauer é o seu modo particular de conservar-se como um filósofo à margem do pensamento defendido pelo Estado. Schopenhauer era o homem que caminhava contra seu tempo e, mesmo enfrentando a todos, ele mantinha certa fortaleza diante dos perigos que assolavam a sua vida. Ele figura como o educador solitário que renunciou toda a promessa de felicidade coletiva, para manter a inteireza de seu pensamento e de seu ser. Tal postura era assumida por esse filósofo por considerar a solidão uma forma compatível com o espírito filosófico.

Mas o que a postura de Schopenhauer tem a ensinar? Nietzsche vê em Schopenhauer um modelo de filósofo educador, que ensina a se posicionar contra uma cultura que tem como



sintoma e resultado a evasão do homem de si. Schopenhauer ensina a pensar a educação como um meio para que o homem possa alcançar um conhecimento de si e, a partir disto, possa ter esclarecimento do significado de sua existência. O que Schopenhauer faz é resgatar o sentido grego de cultura, ao dar importância à noção de formação, e todo o compromisso de uma vida em consonância com uma ética que promova o aperfeiçoamento das forças humanas, bem como a elevação do homem e de sua cultura.

REFERÊNCIAS

BARROSO, David. "A Luta pela Cultura: o Filisteu e o Gênio nas Obras do Jovem Nietzsche". In: *LAMPEJO*, v. 1, p. 200-212, 2014.

MACHADO, Roberto. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro – RJ: Zahar, 1997.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche – A Transvaloração dos Valores*. Editora: Moderna. São Paulo – SP, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. *I consideração Extemporânea: David Strauss, o sectário e o escritor*. Tradução de Antônio Carlos Braga. Editora: Escala. São Paulo – SP, 2008.

_____. *II Consideración intempestiva: Sobre la utilidad y el perjuicio de la historia para la vida*. Edición, traducción y notas de Germán Cano. Editora: Biblioteca Nueva. Madri, s/d.

_____. *III Consideração extemporânea – Schopenhauer como Educador*. Editora: Martins fontes. São Paulo – SP, 2020.

_____. *A Gaia Ciência*. São Paulo – SP: Editora escala, 2008.

_____. *Assim Falou Zaratustra*. Porto Alegre – RS: Editora LPM, 2016.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. de Paulo César de Souza. Editora: Companhia das Letras. São Paulo – SP, 2006.

_____. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre – RS: Editora LPM, 2016.



*Nietzsche contra os eruditos:
a defesa da educação do gênio*

HENNING, V.
BENITES, M.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. Editora: Companhia das Letras. São Paulo – SP, 1992.

_____. “Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino”. In: *Escritos sobre Educação*. Tradução, apresentação e nota de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Editora PUC – Rio, Edições Loyola. São Paulo-SP, 2003.

PRADO, Carlos. “Razão e Progresso na Filosofia da História de Hegel”. In: *MEST. HIST., VASSOURAS*, v. 12, n. 2, p. 99-114, jul./dez., 2010.

RODRIGUES, Eduardo José Lobo. *O problema da formação (bildung) em Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino, de Nietzsche* – Dissertação (Mestrado em Filosofia) – 146f. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília – SP, 2015.

SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. “A pedagogia de Nietzsche.” In: *NIETZSCHE, Friedrich. ESCRITOS SOBRE EDUCAÇÃO*. Tradução e apresentação de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Editora PUC – Rio, Edições Loyola. São Paulo-SP, p.7-39, 2003